

A INDISCIPLINA SOB A ÓTICA DA GESTÃO ESCOLAR DE UMA ESCOLA PÚBLICA DE PELOTAS

VANESSA BUGS GONÇALVES¹; JARBAS SANTOS VIEIRA²

¹Universidade Federal de Pelotas – nessabugs@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – jarbas.vieira@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho traz uma análise dos dados de uma pesquisa de especialização e tem como objetivo apresentar a concepção de uma gestora de uma escola pública do município de Pelotas acerca da indisciplina dos alunos. O trabalho ainda apresenta as maneiras como são resolvidos os atos de indisciplina na instituição em que a gestora atua. Sem intenção de uma prescrição acerca do que fazer com a indisciplina e muito menos buscar as causas dela, o intuito é analisar como a indisciplina é concebida pela gestão de uma escola de ensino fundamental, englobando questionamentos acerca da família, dos regimentos, da autoridade do professor etc. Além disso, identificar quais as alternativas da gestão para contorná-la, haja vista que, quando não resolvidos em sala de aula, ocorrências de indisciplina são comumente levadas para a gestão escolar. As análises realizadas se valem dos conceitos de poder (FOUCAULT, 2013), e de sujeito ordinário, (CERTEAU, 2012), como componentes para pensar a indisciplina desses estudantes sob outra perspectiva, isto é, a que os considera como ativos no processo educacional e, por isso, subversivos em relação aquilo que foi dado e estabelecido como norma.

2. METODOLOGIA

Realizou-se uma entrevista semi-estruturada para identificar as estratégias e os entraves que a indisciplina pode significar à gestão. Para chegar até a escola e, conseqüentemente, até a gestora, não foi usado como critério uma escola em que havia muitos casos de indisciplina, pois os que são conhecidos são aqueles relatados pela mídia, porque dizem respeito, normalmente, a casos de violência, e, no momento, não foi isso que se pretendeu abordar. A indisciplina é entendida nesse trabalho como a transgressão às normas estabelecidas em sala de aula e na escola.

Por essa razão, a escolha da escola se deu de forma aleatória, pois a intenção foi, justamente, conhecer quais as concepções, do ponto de vista da gestão, sobre a indisciplina e como gestão se articula para entendê-la. Caso fosse utilizado o critério de uma escola conhecida por atos disciplinares, ela já estaria, possivelmente, impregnada de pressupostos acerca da indisciplina. Portanto, para chegar à escola, realizou-se um sorteio com escolas previamente selecionadas, isto é, foram selecionadas, através da página do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB, 2014) todas as escolas estaduais da cidade de Pelotas. A intenção ao escolher as estaduais em detrimento das municipais, é que todas as séries/anos estariam presentes na busca realizada e não se correria o risco de haver escolas apenas com os anos iniciais, pois o foco da pesquisa foram escolas que atendem alunos do 5º ano em diante, por já serem maiores e usualmente contestarem mais as regras da escola. Assim sendo, 32 escolas foram encontradas e enumeradas na ordem em que se apresentaram durante a pesquisa. Após isso,

utilizou-se um programa que sorteia números de forma aleatória, chegando, portanto, ao número correspondente a escola.

Exposto qual eram os objetivos da pesquisa e assinado o termo de consentimento, as perguntas começaram a ser feitas. Foi utilizado como instrumento de coleta de dados entrevista semi-estruturada, que é, segundo Appolinário (2006, p. 134) “aquela em que há um roteiro previamente estabelecido, mas também há um espaço para a elucidação de elementos que surgem de forma imprevista ou informações espontâneas dadas pelo entrevistado”. Para a análise da entrevista recorreu-se aos conceitos de poder (FOUCAULT, 2013) e de sujeito ordinário (CERTEAU, 2012), para pensar e discorrer acerca da concepção e dos desdobramentos da indisciplina para a gestão.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para a gestora aluno indisciplinado “é o aluno que atrapalha a aula, perturba. Ele não respeita os colegas, não tem limites”. Ainda nesse sentido de uma concepção sobre o que é entendido por indisciplina, a gestora diz que indisciplinado é “o aluno que não quer fazer nada na sala de aula, perturba os outros; alunos mal educados, que dizem palavrões, não respeitam o professor e não querem estudar.”

O índice de reprovações foi alto porque, segundo a gestora, os alunos passaram brincando o ano inteiro, eximindo-se de suas atribuições. A indisciplina, nesse contexto, foi considerada um desencadeador de reprovações. Aqueles que são indisciplinados parecem estar fadados ao insucesso escolar e a serem aqueles que atrapalham o bom andamento da organização escolar. A gestão da escola se preocupa em controlar a inquietude, com o intuito de que, ao barrá-la, a compreensão dos conteúdos possa se efetuar conforme o planejado.

No entendimento da gestora foi possível depreender que há uma tentativa de aproximação e, conseqüentemente, o posicionamento daquilo que considera ser o ideal para ocorrer aprendizagem: uma sala em que haja silêncio é fundamental para aprender. A norma e a disciplina parecem estar permanentemente presentes naquilo que é entendido como sendo requisito básico para aprender, enquanto que o barulho está associado intimamente à indisciplina, reprovação e não aprendizagem, mesmo porque, para a gestão, há professores que dão aula com tanto barulho que ela nem entende como é possível conseguir ensinar algo.

Como forma de amenizar a indisciplina retirou-se algumas regalias dos alunos, como recreio, por exemplo. Nota-se que, para que a medida repressiva seja válida, o aluno não pode se beneficiar, pois esse benefício, no contexto escolar, é entendido como fazer aquilo que agrada o aluno: rir, ir para casa, ficar fora da sala de aula. Os ambientes escolares são constantemente rearranjados para que nenhum aluno escape a ordem e que sua possibilidade de transgredir seja a menor possível. Deseja-se manter a ordem e o silêncio não como componentes necessários para a realização de determinadas atividades de estudo. Deseja-se ordem e silêncio para que não ocorra a possibilidade de situações fugirem ao controle do planejado. Deseja-se, enfim, um ambiente pacato, onde qualquer tentativa de subverter se transforme em punição para servir de exemplo aos que ousarem contrariar.

A concepção da gestora não se afasta daquilo que é apresentado em muitos estudos. Há um entendimento das causas da indisciplina, sendo que ela é vista como oriunda de uma carência familiar e a consequência dela resulta na certeza de pouca aprendizagem por parte desses alunos indisciplinados. Além disso,

apresenta-se pouca aposta nas potencialidades que podem surgir de uma atitude indisciplinada, já que são vistos como alunos que atrapalham tudo aquilo que foi pensando como sendo o melhor para eles.

Ao que parece a escola não concebe o aluno como um sujeito ativo que age frente imposições. Certeau (2012) afirma que o sujeito não concebe passivamente o que lhe é dado, e, por isso, reusa aquilo que lhe foi apresentado como norma. Do mesmo modo que a escola não concebe o aluno como sujeito de poder (FOUCAULT, 2013), imerso nas relações de poder e que não abnega de sua vontade de vir-a-ser a todo instante, dando a ele voz e a possibilidade de alcançar ao máximo sua potência.

4. CONCLUSÕES

Os alunos não recebem passivamente aquilo que é posto e dado como norma. Eles subvertem e transformam aquilo que é arquitetado a ele. Os alunos são sujeitos de poder, porque se consideramos que em toda relação existe poder, é preciso apostar que na escola o caminho não será diferente. No entanto, não parece ser assim que tem funcionado, uma vez que os transgressores são vistos com pouco apreço pelas escolas e, conseqüentemente, marcados por estigmas que os excluem, e/ou a tentativas constantes de enquadrá-los. A escola que comumente se luta, tem vistas à formação de alunos críticos, pensantes, porém isso será mais bem construído quando houver articulações entre a gestão e os alunos da escola e, conseqüentemente, projetos que contemplem as especificidades e deem, de fato, a possibilidade do aluno pensar, criar, falar e inventar no cotidiano escolar.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APPOLINÁRIO, F. **Metodologia da ciência: filosofia e prática da pesquisa**. São Paulo: Thomson, 2006.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano:1, Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 2012.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. 11ª Ed Rio de Janeiro: Grall, 2013.

ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA: **IDEB 2014**. Brasília, DF: MEC; Acessado em: 21 jul. 2014. Online. Disponível em: < <http://ideb.inep.gov.br>>.